

Memória e comunidade quilombola: uma via de sentido entre o passado e o presente

Luiz Henrique Bergamaschi

Especialista em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF);
professor de Geografia da Rede Estadual de Ensino.

luizhberga@yahoo.com.br

Resumo

O presente artigo é fruto de uma série de experiências relacionadas ao Projeto de extensão interface com a pesquisa da Universidade do Estado de Minas Gerais “A construção do Perfil da Comunidade Quilombola dos Candendês”. Expressaremos neste escrito algumas características, motivações e experiências vividas através do contato com essa comunidade e com o contexto de sua localização. As relações entre memória, identidade, sentido e cultura na vida social de um povo, tem se mostrado como um conjunto estrutural importante para a sua emancipação. A relação responsável entre o que é particular e o que é público, pode ordenar via memória, um viés coeso para se compreender dado fenômeno ou realidade e também para fortalecer o seu perfil enquanto grupo específico.

Palavras-chave: memória, identidade, cultura, quilombo, candendês.

Um ponto de contato entre o passado e o presente

“Se queres ser universal, começa por pintar a
tua aldeia”
(Lev Tolstoi)

Era uma manhã de sol intenso do dia 26 de outubro de 2013, me escondia desse incômodo em uma sombra bem estreita que a marquise da *petshop*, localizada a Rua Tomaz Gonzaga, oferecia. Ali aguardava a carona do professor Renato Melo, enquanto imaginava a rota de um antigo caminho reservado a uma época da minha vida¹. Caminho que seria, em instantes, novamente trilhado e que nos levaria ao Ponto Chique do Martelo, um dos Distritos de Barbacena, onde participaríamos de uma tarde de lazer junto à Comunidade Quilombola dos Candendês. A respectiva comunidade está localizada a 24 km de Barbacena, às margens da rodovia MG 338. Possui base rural, sendo a agricultura a atividade que mais contribui para

¹ Os nomes das pessoas citadas neste trabalho foram preservados na intenção de darmos ênfase somente aos fatos e dados, com exceção do corpo acadêmico (pesquisadores, docentes e discentes), daqueles que tiveram seus nomes registrados em documentos disponibilizados para a pesquisa e daqueles que já foram entrevistados por um veículo de mídia e que já tiveram seus nomes divulgados.

a renda dos candendês. O perfil sócio-econômico desse grupo é marcado pelo traço da baixa renda e das condições precárias de infraestrutura.

O professor não tardou em chegar e logo começamos a conversar sobre os candendês. Os assuntos se elaboravam ao passo que a paisagem da estrada me instigava a imaginar aquele lugar que há muito não via. Ainda no trajeto, comentei com ele que meu pai e meus tios possuíram um terreno no Ponto Chique e que ali trabalharam por algumas décadas, na verdade, por mais de quarenta anos. Também relatei a ele que durante boa parte da minha infância e adolescência, eu frequentava o lugar no período de férias escolares, trabalhando junto a meu pai na lida com a terra.

Chegamos ao pátio da igreja onde o evento iria ocorrer. Fomos recebidos pelo Sr. Alexandre José do Carmo, uma das figuras de liderança da comunidade. Logo em seguida, chegou um veículo, era o primo do professor Renato com os equipamentos de lazer (piscina de bolinhas e cama elástica). Rapidamente montamos essas estruturas com a ajuda dos demais alunos e professores da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Dentre esses, a professora Janaína Rufino, profissional muito envolvida com o projeto e bastante integrada à comunidade dos candendês. Pude perceber isso mais tarde, ao almoçar e observando a relação que a mesma possuía com as mulheres do local. Pairava sobre elas uma atmosfera de extrema empatia e, diga-se de passagem, fator fundamental para o êxito de uma pesquisa antropológica: ser aceito pela comunidade (CALDEIRA, 1988). Percebi também que a figura do professor Renato era muito respeitada. Essa minha impressão, surgiu ao observar o tratamento dado a ele pela liderança do lugar. Mas voltemos ao início do evento.

Fui designado a ficar na cama elástica, organizando a fila; orientando a retirada dos sapatos; somente permitindo a entrada de dois a dois; fazendo a cronometragem do tempo (cinco minutos para cada dupla); verificando a idade dos participantes, pois a regra estabelecia um limite máximo de idade: crianças que tivessem até oito anos. Comigo estavam três colegas de turma: Josiane e Ivânia, que ficavam por perto e às vezes organizavam a fila, e Erivelto, que me substituiu por cerca de uma hora e meia na porta da cama elástica. Apesar do entusiasmo das crianças e de uma curiosidade por parte dos adultos, não foi difícil organizar a fila e esclarecer as “regras do jogo”. Já passava do meio dia quando as brincadeiras tiveram início.

De imediato, não reconheci nenhuma pessoa daqueles tempos. Nem Adeilton, nem Bento e nem Carlitos. Essas eram minhas maiores referências do lugar na época, pois

trabalharam por muitos anos na chácara. Lembro-me bem de como as piadas e prosas aliviavam os dias de trabalho nos campos de cultivo. Carlitos me forneceu o primeiro cigarro de palha, quando comecei a fumar. Mas achei muito forte e fiquei com os maços industrializados até abandonar o tabagismo anos mais tarde. Deles não havia sinal, mas não iria tardar para reconhecer alguém.

Todos pareciam se divertir e não houve nenhum desentendimento. Aliás, isso me chamou muito a atenção. Uma comunidade rural e carente, expressando uma alegria espontânea e uma satisfação diante de coisas, a princípio, tão simples: pulos em uma cama elástica e brincadeiras em uma piscina de bolinhas. As crianças, donas de uma educação admirável. Realidade muito diferente da que tenho com pré-adolescentes de áreas da zona urbana.

Já passava das 14 horas quando Erivelto me substituiu e fui almoçar. Ao retornar a cama elástica, um menino me perguntou sobre meu nome e em seguida disse que também era da minha família. Nesse momento me vi diante de um parente em algum grau bem próximo. Percebi que quem estava ali, era o filho de uma prima que o gesso da tradição patriarcal me impediu de saber o nome ou ainda, de ter um convívio decente para recordar desse. Porém, o gesso, que nesse exemplo é apenas um fragmento de um contexto macro no Brasil, se partiu, mas dele ainda resta uma calcificação que incomoda a sociedade brasileira até os dias atuais: a do mando e da força autoritária que emana da propriedade².

O fio que me uni a essa impressão é o que resumidamente descreverei a seguir. Na década de 1990, conforme ressaltado no início, trabalhava com meu pai no período de férias escolares e, por dois anos seguidos, quando interrompi meus estudos. Percebi que uma garota, aparentemente da minha idade, aparecia na chácara com certa frequência. Nunca fomos apresentados nessa época. Soube através de meu pai, que se tratava da filha de um de meus tios. Descendência que foi fruto de um relacionamento que ele teve com uma mulher da região. Anos mais tarde, essa filha obteve o reconhecimento da paternidade dela e do irmão. Agora, eu estava ali, diante de uma criança orgulhosa de uma parte da família que durante anos esteve tão afastada de sua mãe e tio e que, a meu ver, não merecia tanta reverência. Porém, não quero imprimir “juízo de valor” sobre uma “teia de significados” (GEERTZ, 2008) que pertence ao outro e que até aqui desconheço. Mas em que medida a figura do

² Algumas referências que trabalham a questão do mandonismo relacionado à propriedade: Gilberto Freire, **Casa Grande e Senzala**. 2004; Darcy Ribeiro, **O Povo Brasileiro**. 1997; Boris Fausto, **História do Brasil**. 2003; Celso Furtado, “Brasil: da República Oligárquica ao Estado Militar”. In.: **Brasil: tempos modernos**. 1968.

proprietário de terras na região constitui uma esfera de influência? Se surge daí um entendimento de *status*, organizado por um pensamento hierárquico com base na posse da propriedade, é uma questão para ainda ser verificada. Mas retornemos ao contexto do dia de lazer no pátio da igreja.

Por volta das 16 horas as atividades foram finalizadas e começamos a desmontar os equipamentos. Em certo momento, ao levar uma peça da cama elástica para o passeio da igreja, uma moça de aparentemente uns dezesseis ou dezessete anos de idade me chamou e me perguntou sobre meu pai. Ela disse que era a filha do Adeilton que trabalhou na chácara. Ela me apresentou a filha e neta do Bento e posteriormente retornei a cama elástica. De onde eu estava, percebia a desmontagem da piscina de bolinhas, localizada ao lado. Enquanto as colegas da universidade cuidavam dessa tarefa, avistei algumas bolinhas escapulindo e se espalhando ao redor. Algumas meninas se aproximaram e começaram a espalhar mais as bolinhas. Quando ia chamar a atenção, apareceu uma moça, se agachou e pegou uma das crianças pelos braços, se levantou e olhou para mim rapidamente. Achei aquele rosto familiar. Era minha prima, aquela que via na chácara. Estava um pouco diferente, mas deu para reconhecê-la, porém não trocamos uma só palavra.

Já com a parafernália quase toda devidamente depositada no veículo do primo do professor Renato, se aproximou a professora Janaína e me disse que ficara sabendo que eu possuía parentes no local. Eu disse que sim e resumi a história para que ela compreendesse melhor. Mas o fato é que a partir dessas lembranças fiquei pensando a relação de identidade das pessoas do lugar com a sua própria história. Principalmente, porque através das intervenções de extensão da UEMG, percebeu-se certa indiferença ou mesmo resistência por parte de alguns em relação aos processos envolvendo o sentido histórico que o nome Candendê traz. Esse pensamento me deslocou de uma zona de conforto para tentar melhor expressar minha inquietação.

Em entrevista a imprensa local durante as festividades ocorridas nos dias 27 e 28 de julho de 2013, o presidente da Associação da Comunidade dos Candendês relatou:

Tínhamos a tradição muito presente em nosso dia a dia, mas tudo foi sendo perdido com o passar dos anos. Estamos muito próximos da cidade, e isso influencia a juventude, que acaba esquecendo as raízes [...] A Festa é uma forma que encontramos para fazer renascer em nossa comunidade, o prazer e o gosto pelas tradições culturais da África e por nossas origens³.

³ Fala do Presidente da Associação da Comunidade dos Candendês, Alexandre José do Carmo, em entrevista ocorrida durante as festividades de julho de 2013.

No final do primeiro semestre de 2013 foi ministrada uma palestra sobre as pesquisas a cerca dos candendês para as turmas de Ciências Sociais da UEMG (então 1º e 3º períodos). Na fala da professora Janaína, foi apresentada uma experiência vivida na única escola do Ponto Chique, Escola Municipal Visconde de Carandaí. Havia uma sala com muitos livros e a professora local disse aos pesquisadores da universidade que tinha o sonho de ter uma biblioteca na escola. A professora Maria das Graças disse a ela que eles já possuíam uma biblioteca, mas a professora local resistiu e disse que não. Novamente a professora Maria das Graças esclareceu que eles tinham sim, que os livros não estavam organizados em estruturas como nas bibliotecas retratadas nas novelas e revistas, mas que havia ali um acervo grande e que, portanto, já existia uma biblioteca.

Os livros estavam lá, mas faltava a identidade com o acervo e com o potencial que pertencia a eles. Da mesma maneira, me intrigou saber da apatia da comunidade em relação ao remanescente Quilombola dos Candendês, ou mesmo em relação à herança das tradições africanas, que o Sr. Alexandre se refere como “perdida através dos anos” na entrevista citada anteriormente. Essa realidade pôde ser conferida em uma segunda visita. Desta vez, em parte das residências dos candendês.

Era o final da primavera de 2013, quando me aproximei da primeira casa por meio da entrada mais distante, localizada próximo a igreja católica, sendo que além dessa, marcam também o aspecto sagrado do lugar um templo evangélico e dois terreiros religiosos: “Tenda Espiritual Pai Tomé de Angola” e “Tenda Espiritual Vovó Maria da Conceição Coimbra”. O conjunto maior das residências dos candendês está dentro de uma espécie de vale, vai se aprofundando na sua extensão. Não existe asfalto ou ruas calçadas e em alguns trechos, não existe nem mesmo uma estrada. Uma casa se liga a outra por meio de ruazinhas e trilhas. Não há iluminação pública no referido local. Em grande parte das áreas residenciais, os limites foram delimitados por cerca de arame farpado e de bambu, sendo que alguns atalhos são cortados por essas cercas e para um visitante como eu, essa organização se torna um pouco confusa. As moradas são muito simples e de poucos cômodos. As pessoas foram receptivas e me deixaram extremamente à vontade.

Antes mesmo de ouvir os candendês a cerca de suas experiências com o nome “Antônio Lourenço” e sobre a identidade cultural deles com o nome “Candendê”, me relataram suas demandas em relação aquele espaço. As queixas mais frequentes foram àquelas

ligadas as necessidades de se ter um posto de saúde presente no Ponto Chique do Martelo; a da ausência de iluminação pública dentro do espaço das moradias e aos transtornos gerados pela falta de água que ocorre no lugar. Passaram-me uma forte impressão de se sentirem abandonados pelo poder público.

Quanto à identidade histórica e cultural dos candendês com os nomes “Antônio Lourenço” e “Candendê”, ouvi um número reduzido de pessoas. Nas treze residências que visitei naquela tarde, não houve relato de um só morador, que firmasse uma identidade cultural ou histórica com os respectivos nomes. Dito de outro modo, a história de identidade que eles construíram em suas experiências práticas de vida, não se relaciona, a princípio, com esse título que se refere a uma comunidade quilombola. Em alguns depoimentos, como o da Sra. Ana, com 58 anos de idade, nascida e criada no local, nota-se uma forte resistência a essa identidade: “[...] nem que eu dou meus documentos pra esse negócio de candendês [...], eu nunca tive nada haver com isso [...]”⁴.

E ainda há pouco, pensando nessas questões, lembrei-me de um poema que fará composição com todo o quadro analítico que será construído deste ponto em diante. Recorro a Drummond:

INFÂNCIA

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe fica sentada cozendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre mangueiras
lia a história de Robson Crusoe.
Comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu
a ninar nos longes da senzala – e nunca se esqueceu
chamava para o café.
café preto que nem a preta velha
café gostoso
café bom.

Minha mãe ficava sentada cozendo
olhando para mim:
– Psiu... não acorde o menino.
Para o berço onde pousou um mosquito.
E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava

⁴ Relato colhido em 10 de Dez. de 2013.

no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história
era mais bonita que a de Robson Crusoé (ANDRADE, 1996, p. 67-68).

O sentido de memória e identidade como possibilidade de análise

No poema, as recordações de um tempo de infância saltam aos olhos, ouvidos e paladar. A sinestesia gerada pelos versos cunhados nas lembranças do narrador envolve o leitor em um bojo de significados. Até o penúltimo verso, a rotina de vida recordada pelo narrador instituído é descrita: o trabalho do pai; as tarefas da mãe; a lembrança da senzala por meio das funções da “preta velha” e alguns traços dos afazeres do sujeito narrativo em sua infância. Depois de relembradas várias características daquele tempo e daquele ambiente, o narrador expressa que na época, ele não sabia que a sua história, descrita em todo o poema, era mais bonita que a de Robson Crusoé. Ergue-se da poética drummondiana uma reflexão profunda, pautada na memória como via de construção da identidade: a da história do povo brasileiro dentro de uma estrutura patriarcal oligárquica, da casa grande e da senzala (FREIRE, 2004). Porém, mais que isso, da consciência e importância da identidade própria e do reconhecimento que se atribui a essa em detrimento de uma identidade estrangeira, quando se é sujeito participante dessa construção. Nas palavras de Thompson:

E não é preciso que a narrativa de uma única vida apresente exatamente uma só biografia individual. Em casos importantes, ela pode ser utilizada para transmitir a história de toda uma classe ou comunidade, ou transformar-se num fio condutor ao redor do qual se construa uma série extremamente complexa de eventos (THOMPSON, 2002; p. 303).

O arranjo que compõe a região, ora trabalhada, é diverso. Se há um truncado entendimento de identidade por parte dos candendês em relação ao caráter quilombola, existe também um complexo histórico estrutural que afetou os mesmos desde sua estação de origem até hoje. Em um passado recente, através da descendência italiana no lugar, surge um fragmento que nos importa. Há cerca de 50 anos alguns proprietários agrícolas pensavam os

candendês de uma forma caricatural, como percebemos na entrevista cedida por um antigo proprietário de terras na região do Ponto Chique do Martelo, o Sr. Pedro⁵.

[...] nós fomos os primeiros! Fomos os primeiros que começamos a plantação. Antes de nós só tinham as fazendas. [...] não lembro certo, mas acho que foi 1967, 1968, por aí. [...] Só que eles (os candendês) não sabiam trabalhar com plantação. Porque o que tinha eram as fazendas, aí eles roçavam pasto; carregavam charrete... charrete não! Carro de boi e ficavam lá. É um pessoal simples sabe. [...] olha pra você ver como eles eram atrasados: quando a gente plantou o pomar de laranja e de mexerica (tangerina), os velhos (candendês) que trabalhavam pra gente disse que a gente não ia colher nada porque os passarinhos iam comer tudo! (risos). [...] O povo lá é simples. Não tem iniciativa de fazer nada! Então eles foram precisando de comida, de uma coisa ou de outra e foram trocando as terras. Os fazendeiros vinham e ofereciam um pouco de “qualquer coisa” e eles pegavam. Mas eles não sabem trabalhar com a terra. [...] Deixam a terra morrer no mato. Fica lá com aquela vidinha deles. Alguns foram pra São Paulo, mas lá é outra escola né!?. Os que ficaram ali no Ponto Chique ficaram ali com aquela vidinha. [...] ah... só serviço bruto! (o que os candendês sabem fazer segundo o Sr. Pedro) Mas tudo tem que mandar. Mas é uma gente que, combinando bem, são bons [...].

Estão lançadas no texto algumas bases empíricas deste trabalho. A concepção do “dono de terras” é bem simbólica e em muito, deixa estereotipada a figura do homem do lugar (os candendês). Nota-se no discurso do Sr. Pedro, um entendimento de mundo pautado na corrente evolucionista. De forma muito mais branda, mas diretamente relacionada com eurocentrismo aplicado, por exemplo, na África e no Brasil em tempos outros. Em 1778, no livro *Systema naturae*, Charles Linné classifica o *Homo sapiens*:

- a) Homem selvagem. Quadrupede, mudo, peludo.
- b) Americano. Cor de cobre, colérico, ereto. Cabelo negro, liso, espesso; narinas largas; semblante rude; barba rala; obstinado, alegre, livre. Pinta-se com finas linhas vermelhas. Guia-se por costumes.
- c) Europeu. Claro, sanguíneo, musculoso; cabelo louro, castanho, ondulado; olhos azuis; delicado, perspicaz, inventivo. Coberto por vestes justas. Governado por leis.
- d) Asiático. Escuro, melancólico, rígido; cabelos negros, olhos escuros, severo orgulhoso, cobiçoso. Coberto por vestimentas soltas. Governado por opiniões.
- e) Africano. Negro, fleumático, relaxado. Cabelos negros, crespos; pele acetinada; nariz achatado, lábios túmidos; engenhoso, indolente,

⁵ Entrevista feita na residência do Sr. Pedro no dia 23 de Nov. de 2013.

negligente. Unta-se com gordura. Governado pelo capricho (LINEÉ *apud* HERNANDES, São Paulo: 2008. p. 18-19).

Sobre a visão do povo brasileiro, um registro semelhante pode ser lido no texto *Espetáculo da miscigenação* de Lilia Mortiz Schwarcz quando cita as palavras de *Louis Agassis* (1868, p. 71),

[...] dizia o pesquisador suíço: que qualquer um que duvide dos males da mistura de raças, e inclua por mal entendida filantropia, a botar abaixo todas as barreiras que as separam, venham ao Brasil. Não poderá negar a deterioração decorrente da amálgama das raças mais geral aqui do que em qualquer outro país do mundo, e que vai apagando rapidamente as melhores qualidades do branco, do negro e do índio deixando um tipo indefinido, híbrido, deficiente em energia física e mental. (AGASSIS *apud* SCHWRCZ, 1994, p. 137).

A visão eurocêntrica rotulava o africano e o brasileiro como inferiores, com base no entendimento de eugenia como forma de orientação e se valendo, do mesmo modo, das etapas do desenvolvimento dentro do entendimento evolucionista: selvageria, barbárie e civilização. Na estruturação do Brasil, também se firmou essa forma de compreensão do humano e cultural, aplicando aqui valores e costumes que vinham da Europa e que, portanto, eram considerados superiores. Dessa maneira, se enxertou nas bases do Brasil traços europeus e mais do que isso, foi importada uma moldura ideológica para se pensar a sociedade. É o que expressa parte do texto “As idéias fora do lugar” de Roberto Schwartz,

[...] Refletindo em direção parecida, Sergio Buarque observa: “trazendo de países distantes nossas formas de vida, nossas instituições e nossa visão de mundo e tentando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos uns desterrados em nossa terra (SCHWARTZ, 2012; p. 13).

No poema de Drummond, ler a história de Robson Crusóé era ler o estrangeiro. Quando o narrador se descobre dono de uma história, a dele próprio, a identidade passa a ser mais autêntica e profunda, mas isso somente foi possível porque ele, o narrador instituído, também a construiu. Sua vida e suas memórias edificaram o processo de sua emancipação enquanto sujeito no mundo. Fato que lhe fez interromper o enredo de alienação dele em relação a sua própria história e posteriormente, considerá-la importante. Conforme foi dito e segundo a percepção das pesquisas, uma parcela dos candendês está desligada e até mesmo

resistente, em certo sentido, à identidade “remanescente quilombola”. A seguir, expressaremos dois arranjos importantes de interpretação do problema que percebemos ao longo das pesquisas.

Por um lado, temos a expressão de um mundo dominado e estruturado por um agente histórico senhorial, as elites. A partir dessas, uma história oficial foi construída com base na propriedade, no poder e na dominação, majoritariamente (BENJAMIN *apud* LOWY, 2005). Portanto, se firmou um processo histórico profundo e dilatado que se impõe como versão, como modelo de desejo e norma, mas que não expressa a realidade do todo, pois desconsidera a voz das minorias e desse modo, lhe escapam as minúcias e a diversidade de detalhes. A partir do viés teórico que se ergue, é necessário sair da sombra da macro-história. Segundo Melo:

Revelar a história que está oculta sob os escombros, soterrados pela história dos vencedores, é um caminho que promove a crítica do passado a uma tomada de consciência no presente. A transferência da transmissão cultural do passado é um mecanismo importante na tomada de posição política. O passado não é uma “natureza petrificada”. Deve-se olhá-lo buscando as categorias culturais que sirvam para a emancipação humana (MELO. 2012. p. 142).

Por outro lado, percebemos uma negação, um desinteresse ou ainda, falta de identificação dos candendês em relação ao título de comunidade quilombola dada pela Fundação Cultural Palmares⁶. Enxergam nesse, uma espécie de rótulo imposto. Não o compreendem como algo que eles ajudaram a construir e consideram-no outra história estrangeira, assim como a dos proprietários de terras da região; dos descendentes de italianos que os viam como inferiores; dos antigos senhores de fazenda, “comprida história que não acaba mais” (Drummond, 1993. p. 67). “Constroem-se histórias belas para se ler, mas desencarnadas do vivente [...]” (MELO, 2012. p. 134).

Permeia no corpo social da Comunidade Quilombola dos Candendês, essa fração de “jogo de poder”. Ao passo que tal processo de reconhecimento não agrega, fazendo com que a comunidade se sinta não participante, e deixando à margem a memória de seus principais agentes, aliena o traço de identificação e desencadeia a resistência com tal título. Consequentemente são evidenciadas algumas lacunas. É fato que eles precisam saber a

⁶ “Comunidade de Candendês”, registrada no livro de Cadastro Geral nº 014. Registro n. 1.676 – processo nº 01420.005104/2012-74. **Diário Oficial**, 3 de setembro de 2012. p. 6.

importância da sua história enquanto comunidade quilombola, mas segundo as principais vias teóricas tomadas por base até aqui, percebemos que é necessário antes, que os candendês sejam agregados como agentes ativos dessa conscientização e construção, porque do contrário, corre-se o risco de se cometer erro semelhante ao que existiu no passado⁷.

Daí em diante, haverá maiores condições de aproximá-los da importância do povo que foi fundamental para a formação econômica, social e cultural brasileira. Desde a mão-de-obra escrava, que nas palavras de Gilberto Freire se destacou mais que a indígena e a européia em relação ao trabalho e resistência aos agravos das condições da época; na capacidade técnica e artística; dentre outros (FREIRE, 2004). Até chegar a contribuição do negro para a formação de um traço cultural mais linguístico. Freire exemplifica:

Temos no Brasil dois modos de colocar pronomes, enquanto que o português só admite um – o “modo duro e imperativo”: *diga-me, faça-me, espere-me*. Sem desprezarmos o modo português, criamos um novo, inteiramente nosso, caracteristicamente brasileiro: *me diga, me faça, me espere*. Modo bom, doce, de pedido. E servimo-nos dos dois. Ora, esses dois modos antagônicos de expressão, conforme necessidade de mando ou cerimônia, por um lado, e de intimidade ou de súplica, por outro, parecem-nos bem típicos das relações psicológicas que se desenvolveram através da nossa formação patriarcal entre os senhores e os escravos: entre as sinhá-moças e as mucambas; entre os brancos e os pretos [...] (FREIRE, 2004. p. 418).

Nas palavras desse autor, foi o negro um agente dotado de talento e que se destacou para a contribuição de nosso contexto, “[...] em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos quase todos a marca da influência negra” (FREIRE, 2004. p. 367).

Maiores condições também de conhecer a história de Antônio Lourenço, o Candendê, que segundo as investigações realizadas, foi escravo e quando livre, se estabeleceu na região do Ponto Chique do Martelo. Que segundo alguns relatos e com base na fotografia do ano de 1920 da família Campos (data aproximada), Antonio Lourenço teve posses (sendo essa uma das hipóteses), aparecendo na referida foto, dentre outros, em caçada com Abel C. M. Campos⁸, mais conhecido como coronel Abel. As Caçadas eram uma prioridade de lazer para alguns homens da época, como está expresso em partes dos documentos processuais

⁷ Conforme nos relata o estudo de Florestan Fernandes sobre a integração do negro na sociedade de classes paulistana: “[...] O liberto se viu convertido, sumaria e abruptamente, em senhor de si mesmo, tornando-se responsável por sua pessoa e por seus dependentes, embora não dispusesse de meios materiais e morais para realizar essa proeza nos quadros de uma economia competitiva” (FERNANDES, 2008. p. 28).

⁸ Relatório da Trajetória Comum da Comunidade Rural Remanescente Quilombola dos Candendês. Barbacena, 2012. p. 19

instaurados para a resolução de uma questão entre Abel C. M. Campos e José Luiz de Campos. Demanda originalmente gerada porque o segundo atingiu a tiros dois cães de caça do primeiro em uma caçada. No documento de abertura do processo foi registrado o fato:

[...] no dia 13 de outubro p. passado, o supplicante, que é amante de partidas de caçadas, “trelou” a sua matilha veadeira e se dirigiu para os terrenos de propriedade de José Rodrigues, onde fez a “soltada”; [...]; P. que, ao se aproximarem os ditos cães do lugar denominado “Palmital” em perseguição da caça [...], foram alvejados a tiros [...] a cadela de nome “Cambraia” [...] está inutilizada, e o cão de nome “Mirão” morreu [...]⁹.

No mesmo documento, também está registrado o testemunho de Ismael José Teixeira, que confirma o fato, “[...] que o veado, [...] corria [...], sendo sempre perseguido pelos dois cães [...] viu o réu José Luiz Campos, [...] atirar o cão [...] e a cadella [...]”. Esse processo se estendeu por muitos anos. No empenho das argumentações jurídicas, em um segundo documento analisado¹⁰, pode ser observado no depoimento da testemunha Ezequiel Garcia Duarte e em outras partes, o fato do prazer das caçadas para alguns homens daquele tempo e lugar. Está registrado que as caçadas eram uma “diversão” e uma prática “predileta”.

Com base na fotografia disponibilizada a seguir e nos fragmentos processuais, surge um foco de interesse que nos leva a considerar hipóteses sobre a posição social de Antônio Lourenço, o Candendê. Conforme se observa na extremidade esquerda da foto, o mesmo participava de caçadas junto aos homens de posses da região, inclusive tendo em suas vestes, características compatíveis com as dos demais. No centro da foto, um dos mais influentes homens da época, o coronel Abel. E a partir desses dados, surge uma questão: qual era a relação do Candendê com os antigos senhores de escravos? É reforçada a idéia da posse de terras, da influência hierárquica com base na propriedade. Também derivam dessa contextualização, as questões ligadas aos meios com que esse adquiriu suas terras, uma vez considerado seu passado dentro de um regime escravagista. E ainda, as conjecturas sobre os motivos e as formas que essas terras foram reduzidas ao espaço habitado pela Comunidade Quilombola dos Candendês atualmente. Todas essas hipóteses devem ser verificadas e são de fundamental importância para o fortalecimento do perfil da comunidade ora trabalhada. É

⁹ ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL ALTAIR SAVASSI – BARBACENA. 1SCV. Cx. 240. Ordem. 02. 1919.

¹⁰ ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL ALTAIR SAVASSI – BARBACENA. 2SVC. Cx. 61. Ordem 02. 1927.

em Antônio Lourenço que se encontra um importante princípio genealógico dos candendês dentro da estrutura social patrilinial em que eles estão inseridos.



Figura
1 - A

Caçada.

Fonte: Relatório da Trajetória Comum da Comunidade Rural Remanescente Quilombola dos Candendês. Barbacena, 2012. p. 19

Finalmente, depois dessas incursões, também haverá maiores condições de compreender melhor a realidade da comunidade quilombola hoje. Fazer uma leitura mais sóbria do seu contexto social, das suas hierarquias; do grupo enquanto parte de um “organismo vivo”, que desempenha funções para a perpetuação desse (DURKHEIM, 1973).

Retomando a questão da memória como via de sentido e identidade, segundo Hanna Arendt, existe um mundo de significados que está disponível, mas tal herança não se efetiva por ela mesma, é necessário iniciar a pessoa nessa cultura para que herança e indivíduo se tornem uma identidade com sentido. Para a autora, há uma distinção teórica entre “nascimento” e “natalidade”. O primeiro ocorre quando o ser vem à vida por uma ação da natureza biológica e a segunda ocorrerá quando a criança chega a um mundo cultural em processo pré-existente e de construção, sendo iniciada nele. Por esse ponto de vista, o indivíduo se formará à medida que conhecer esses signos e construir através da cultura herdada, a identidade do “eu particular” com o “todo coletivo”. A ponte entre o passado e o presente, se faz por meio da memória e da educação como vias da significação do sujeito em um mundo de significados adquiridos e transmitidos (ARENDR, 2005).

São diversas as possibilidades e caminhos de construção do espaço participativo para a elaboração do perfil da comunidade quilombola em questão, de modo a considerar a memória e a identidade dos candendês. Segundo Thompson, “[...] é possível encontrar-se uma pequena minoria de informantes portadores de uma memória cuja riqueza e coerência são absolutamente excepcionais. [...] pode-se chegar a uma boa avaliação da fidedignidade geral do informante como testemunha” (THOMPSON, 2002; p. 306-307). Citamos alguns caminhos: a educação é uma importante vereda para esse afazer. Por meio de espaços abertos na escola local e através das frentes de pesquisa, ensino e extensão, tentar construir uma relação entre a micro-história dos candendês e a macro-história, buscando dessa forma uma afinidade entre a realidade próxima e distante (GEERTZ, 2012); a elaboração de oficinas artísticas e eventos culturais, podem potencializar as chances de fortalecimento da comunidade com suas raízes. “[...] As atividades culturais passaram a ser o suporte [...] a estabelecer-se como lugar para discussão e resistência por serem formadores de opinião e comportamento [...]” (RUFINO, 2008. p. 123); a identidade religiosa da comunidade, ligada as suas origens afro-brasileiras, pode revigorar o semblante social desse grupo e se mostrar como um eixo notório no espaço público. “[...] juremeiros, candomblesistas e umbandistas, agentes que buscam um espaço das razões justificado principalmente através da religião. Nesse sentido, a religião afere o poder emancipador que o processo de secularização não percebe ou ignora” (RODRIGUES; CAMPOS, 2012, p. 290).

Estudar as estruturas da Comunidade Quilombola dos Candendês na sua complexidade e ajudar a traçar o perfil da mesma, não é uma tarefa fácil, porém, se faz presente a necessidade de verificar as hipóteses e conhecê-los melhor. Fazer frente com os pesquisadores e ir a campo, é uma condição *sine qua non* para o sucesso deste empreendimento que traz um diálogo enriquecedor entre a antropologia e a história oral na função de conhecer o outro.

Considerações finais

Diante das relações que se estabeleceram a partir do passado histórico brasileiro, torna-se fundamental o reconhecimento de comunidades quilombolas em território nacional.

Essa tarefa deve envolver o grupo estudado, universidades e fundações interessadas em contribuir positivamente para a emancipação de tais agentes. Segundo o que foi considerado em nosso escrito, a memória aparece como via de significação e se mostra como um importante fio para dar coesão a esse processo, muitas vezes complexo e fragmentado. O sucesso de tal empreitada é, de sobremodo, uma ação que somente contribuirá para a melhor definição do perfil da nação brasileira em sua diversidade de riquezas.

Na função de perceber o outro, o diálogo entre as ciências se torna necessário e demanda um sentido apurado. O trabalho de ensino, pesquisa e extensão se ergue como uma frente que oferece um olhar apurado ao problema. A busca de referências em arquivos documentais; a coleta de depoimentos através da história oral; o trabalho etnográfico via observação participante e o estudo bem delimitado da literatura que cobre o tema, colaboram para um trabalho mais sincero e democrático.

A Comunidade Quilombola dos Candendês, em sua essência, possui um potencial extraordinário. Resta agora, buscarmos enquanto corpo acadêmico, agir com responsabilidade na função de construir um entendimento racional a cerca desse grupo e contribuindo dessa maneira para a edificação de um país menos afetado pelas desigualdades.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

ARENDT, Hanna. **Entre o passado e o Futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BARBACENA, **Relatório da Trajetória Comum da Comunidade Rural Remanescente Quilombola dos Candendês**. 2012.

CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. “A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia. **Novos Estudos, CEBRAP**, São Paulo, vol. 21, 1988. pp. 133-157.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. 03 de Setembro de 2012; seção 1; p. 6.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Abril cultural; 1973.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. Vol. 1. Editora Globo: 2008.

FREIRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. São Paulo: Global. 2004.

GEERTZ, Clifford. “Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico”. In: **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 2008, pp. 85-107.

GEERTZ, Clifford. “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura”. In: **A Interpretação das Culturas**. RJ: LTC Editora 2008.

GEERTZ, Clifford. **O saber local**. Rio de Janeiro: 2012.

HERNANDES, Leila Leite. *A África na Sala de Aula*. São Paulo: 2008.

LOWY, Michel. **Walter Benjamin**: aviso de incêndio. ed.: Boitempo, SP, 2005.

MIRANDA, I. Congado abre festividades pelos 222 anos de Barbacena. **Portal Prefeitura de Barbacena**. 2012. Disponível em: <<http://www.barbacena.mg.gov.br/noticias.php?id=3173>>. Acesso em: 07 dez. 2013.

MELO, Renato. “O sol na história: Benjamin e a interrupção”. **Revista Mal-Estar e Sociedade**. Ano V, nº 9. 2012. pp. 131-151

RODRIGUES, Michelle G; CAMPOS, Roberta B. C. “Caminhos da visibilidade: a ascensão do culto a jurema no campo religioso do Recife”. **Afro-Ásia**. 47, ano 2013. pp. 269-291.

RUFINO, Janaína de Assis. “Entre homens e animais: análise semiótica de letras de canções infantis”. **Revista Mal-Estar e Sociedade**. Ano I, nº 1. 2008. pp. 111-128.

SCHWRCZ, Leila Mortiz, “Espetáculo da Miscigenação”. **Estudos Avançados**. São Paulo. 1994. pp. 137-151.

SCHWRCZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Editora 34. 2012.

THOMPSON, P. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e terra; 2002.

Memory and maroon community: one-way street between the past and present

Abstract

This article is based on a series of experiments related to the extension interface design research at the University of Minas Gerais "The construction of the Quilombo Community Profile of Candendês". This will express written some characteristics, motivations and experiences through contact with this community and the context of its location. The relationship between memory, identity, meaning and culture in the social life of a people, have been shown to be an important structural assembly for their emancipation. A responsible relationship between what is private and what is public, may order via memory bias for a cohesive understanding given phenomenon or reality and also to strengthen its profile as a specific group.

Keywords: memory, identity, culture, quilombo, candendês.